



O MEDO NO IMAGINÁRIO E O IMAGINÁRIO DO MEDO

Heloisa Juncklaus Preis Moraes *

Luiza Liene Bressan**

Reginaldo Osnildo***

Resumo: As atitudes imaginativas são uma tentativa de enfrentamento dos semblantes do tempo: o Cronos e a morte, o universo da angústia existencial, e o imaginário, neste sentido, configura-se enquanto potência simbólica. Dentro da multiplicidade de imagens há o medo, elemento que impulsionara a própria atualização simbólica do homo, mas que por sua vez desenvolve um repertório particular de imagens: o imaginário do medo. Tema recorrente em várias discussões, objetos e corpus dos estudos desenvolvidos no Grupo de Pesquisas do Imaginário e Cotidiano, este artigo faz uma discussão teórica entre a presença do medo no imaginário e as imagens que o representam.

Palavras-chave: Imaginário. Medo. Imaginário do medo.

Abstract: Imaginative attitudes are an attempt to face the semblants of time: the Cronos and death, the universe of existential anguish, and the imaginary, makes sense, configures itself as a symbolic power. Within the multiplicity of images there is fear, an element that has promoted the symbolic updating of the homo, but which in turn develops a particular repertoire of images: the imaginary of fear. This article presents a theoretical discussion between the presence of fear in the imaginary and the images that represent it. A recurrent theme in several discussions, objects and corpus of the studies developed in the Research Group of the Imaginary and Daily Life.

Keywords: Imaginary. Fear. Imaginary of fear.

*Universidade do Sul de Santa Catarina - Unisul,
Tubarão, SC, Brasil.
Professora do Programa de Pós-Graduação em
Ciências da Linguagem da Unisul.
E-mail: heloisapreis@hotmail.com

** Centro Universitário Barriga Verde,
Orleans, SC, Brasil
Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em
Ciências da Linguagem da Unisul.
E-mail: luizalbc@yahoo.com.br

*** Universidade do Sul de Santa Catarina -
Unisul,
Tubarão, SC, Brasil.
Mestrando do Programa de Pós-Graduação em
Ciências da Linguagem da Unisul.
E-mail: reginaldo.osnildo@unisul.br



REVISTA
MEMORARE

 UNISUL
UNIVERSIDADE DO SUL DE SANTA CATARINA
www.portaldeperiodicos.unisul.br
ISSN 2358-0593

1. Introdução

Partimos da premissa durandiana (2004) de que todo pensamento humano é re-presentation mobilizado a partir de articulações simbólicas. Nossos modos de ser, pensar e agir, enquanto dos seres, das culturas e das sociedades fazem parte do trajeto antropológico imerso em uma bacia semântica. Nas palavras de Durand (2002), aquela é “a troca incessante que existe ao nível do imaginário entre as pulsões subjetivas e assimiladoras e as intimações objetivas que emanam do meio cósmico e social”, relação dinâmica entre o biopsíquico e o sociocultural. As atitudes imaginativas são uma tentativa de enfrentamento dos semblantes do tempo: o Cronos e a morte, o universo da angústia existencial, e o imaginário enquanto potência simbólica.

De acordo com Durand (2012, p. 121), “a carne, esse animal que vive em nós, conduz sempre à meditação do tempo”, pensamento que culmina em recusa e combate ao tempo e a morte, o que o autor (2012) chama de “desejo polêmico de eternidade”. Conseqüentemente, a *carne* ao figurar um mal, um perigo e/ou uma angústia dominava-os pelo *cogito*. E, o *homo* entendeu que ao se proteger na caverna o perigo ficava do lado de fora, o temor se dissipava, e a segurança se materializava. Em certa medida, o medo da morte o moveu, pois, conforme afirma Delumeau (2009, p. 23), “a insegurança é símbolo de morte, e a segurança símbolo da vida”. Se é que há a possibilidade de demarcar a primeira presença do medo no imaginário, ela se dá nas representações primordiais de luta contra a morte, luta simbolizada. Durand (2004, p. 48) traz que o *homo sapiens*, ao decorar sítios funerários, deixa implícita a capacidade de simbolizar a morte, se torna “*homo symbolicus* desde suas origens mais remotas”. Para Ferreira-Santos e Almeida (2012, p. 77), esta capacidade é própria da subjetividade da espécie humana, que ao se relacionar com os “aspectos geográficos, históricos, ideológicos ou cósmicos (naturais)”, frutifica o imaginário. Para os autores (2012, p. 38) “há uma gênese recíproca que oscila das pulsões ao meio ambiente material e social e deste àquelas”, o que já nomeamos, por Durand (2002), de trajeto antropológico.

Para entender o imaginário e a presença do medo, faz-se necessário trazer alguns conceitos norteadores. No entendimento de Silva (2012, p. 7), “o homem só existe no imaginário”, e se move por meio do imaginário que cria. De modo que, para o autor



(2012), imagens, sentimentos, experiências e lembranças fazem do imaginário um reservatório/catalisador que impulsiona a realidade para indivíduos e/ou grupos. Segundo ele (2012, p. 21) “não há laço social sem imaginário”, configurando-se como o cimento que une a sociedade através de valores partilhados, sentimentos, afetos e imagens comungadas. Além de serem consideradas por Quadros (2004, p. 19) como figuras simbólicas de um idioma universal, “[...] as imagens podem ser tomadas como pequenos Deuses, que promovem a fantasmática: a relação mágica do símbolo com o seu leitor”. Silva (2012, p. 9) ainda afirma que “o imaginário é uma língua. O indivíduo entra nele pela compreensão e aceitação das suas regras; participa dele pelos atos de fala imaginal (vivência) e altera-o por ser também um agente imaginal (ator social) em situação”.

Na concepção de Pitta (2005, p. 15) o imaginário é a essência do espírito “[...] é o impulso oriundo do ser (individual ou coletivo) completo (corpo, alma, sentimentos, sensibilidade, emoções), é a raiz de tudo aquilo que, para o homem, existe”. O que vai ao encontro ao que o próprio Durand (2012, p. 18) conceitua como imaginário: “[...] conjunto das imagens e relações de imagens que constitui o capital pensado do *homo sapiens*” – denominador do pensamento criador humano. O autor (2004, p. 41) ainda destaca que “todo pensamento humano é uma re-presentação” que está simbolicamente conectada pelo imaginário que expressam invariâncias arquetipais e sempre atualizadas socioculturalmente. Sobre esta conectividade simbólica, Wunenburger (2007, p. 70) discorre que o imaginário compartilhado e “[...] ativado pelos processos de identificação interindividual, pode, portanto, ajudar a fazer reinar numa sociedade um entre acordo dos corpos – e por conseguinte dos espíritos – que facilita a vida racional”. É justamente deste “entre acordo” que racionaliza a vida, que o medo primordial que moveu o homem para a segurança da caverna o impulsionou simbolicamente para as criações que representam as diversas simbolizações do medo. Não por menos, Jung (2002, p. 33) afirma que “é melhor, apesar do medo, saber o que nos ameaça”. Entendimento que Cassirer (2003, p. 64) complementa: “a expressão de um sentimento não é o próprio sentimento – é a emoção tornada imagem”. Assim, o medo, a morte, o bem e o mal são expressões humanas que simbolizam o imaterial e o tornam imagem.

O medo da morte e o medo de perder amores – amor fraterno, carnal ou tribal –, de acordo com Monteiro (2004), está inconsciente na existência da vida do ser humano. Para a autora (2004, p. 88), o estar junto foi impulsionado pelo medo antropológico,



“motivado pela consciência da morte”, o que gerou a organização de cidades. Neste sentido, Viscott (1982, p. 56) aponta que “movidos pelo medo, tendemos a seguir um rumo escolhido por outros que proclamam saber a direção ‘certa’”. O movimento simbólico de representações do medo, na percepção de Ribeiro (2011), fez com que a dominação da luz vencesse o escuro, a plantação expulsasse a fome, a cidade servisse de abrigo contra os perigos da selva e os códigos legais e morais controlassem o medo de viver em sociedade.

Diante desta necessidade do homem de representar o medo, criar significações e situações comuns que causam temor, Teixeira e Porto (1998, p. 55) alegam que isso ocorre como “[...] uma forma de controlar, antecipar, conhecer o medo. Pela representação, ele é partilhado e socializado, mas, ao mesmo tempo, é ampliado e estendido, e a consequência é que se deseja controlá-lo cada vez mais”. O medo no imaginário transforma o social, faz do sujeito uma potencial vítima ou permanente suspeito, de acordo com Teixeira e Porto (1998). O medo solidifica identificações e gera conflitos entre os indivíduos. É o medo que direciona locais de encontro, organizações paralelas e mobilização de grupos. Tal expressão presente no imaginário permite ao Estado agir com rigor e cria produtos - grades, seguros, alarmes - que o amenizam, segundo as autoras. Este artigo compreende que o medo simbolizado no passado ainda permanece, está presente no imaginário. Entretanto, ele é atualizado por novas representações que multiplicam os significados do que é sentir medo, atualizações que, diante da conectividade do mundo, amplificam o sentimento na humanidade e o presentificam e simbolizam em diversas imagens. O medo no imaginário, especialmente pela massificação da comunicação e instantaneidade dos relatos, ganha uma amplitude que, de certa forma, nos faz pensar em uma Imaginário do Medo. Muito por uma ascensão da violência, mas também pela inerente consciência da finitude e questão, também, de sobrevivência.

2. SOBRE A PRESENÇA DO MEDO NO IMAGINÁRIO

O medo em uma representatividade líquida definida por Bauman (2008, p. 8): “[...] é o nome que damos à nossa incerteza: nossa ignorância da ameaça e do que deve



ser feito - do que pode e do que não pode - para fazê-la parar ou enfrentá-la, se cessá-la estiver além do nosso alcance”. Antunes Júnior (2016, p. 95) aponta que o medo “é o dispositivo que diz ao organismo que algo deve ser evitado e, em última instância, aniquilado”. Para Bulhões (2010, p. 21), o medo é “[...] uma expressão visível da manifestação da angústia que, por sua vez, relaciona-se a uma vivência subjetiva, a um conflito psíquico”. Ao ampliar o conceito, Botelho (2010, p. 33) delinea que o medo é a percepção das representações de mundo, “[...] determinadas por signos e associações ao que se sente medo”. Líquida ou sólida, a representação do medo acontece para simbolizar aquilo que o homem teme e não pode controlar ou entender. “Tem-se, pois, que o homem necessita representar o medo, atribuir significados comuns a situações, objetos e pessoas que causam temor. A representação é, em si, uma forma de controlar, antecipar, conhecer o medo” (TEIXEIRA e PORTO, 1998, p. 55).

Contra o desconhecido surge a reação individual que Delumeau (2009, p. 30) estreita como: “[...]uma emoção-choque, frequentemente precedida de surpresa, provocada pela tomada de consciência de um perigo presente e urgente que ameaça, cremos nós, nossa conservação”. O medo pode estar relacionado a determinado momento, mais, pode ser episódico e invadir o pensamento enquanto se lida com outros assuntos, conforme atesta Ekman (2011, p. 169): “[...] a ameaça de dano também pode monopolizar nossa consciência por longos períodos”. Delumeau (2009, p. 33) destaca que “o medo tem um objeto determinado ao qual se pode fazer frente”, o que torna a representação do medo, de certa forma, necessária para a existência simbólica deste. Neste sentido, a morte, enquanto angústia, é direcionada para o medo de envelhecer, medo de altura, medo de animais, medo da solidão (morte em vida), entre outros medos.

Na percepção de Kovács (2010, p. 15), “o medo é a resposta psicológica mais comum diante da morte”. Medo que pode ser sentido pela morte do outro, pela proximidade da própria morte, medo diante da impotência em relação à morte e pelo desconhecido que a morte impõe. De acordo com a autora (2010, p. 15), “[...] nenhum ser humano está livre do medo da morte, e todos os medos que temos estão, de alguma forma, relacionados a ele”. A presença, ou ausência, da morte influi no ser humano, é uma inevitabilidade angustiante para o homem. De modo que, a representação simbólica está diretamente ligada ao medo. Nesta perspectiva, Teixeira e Porto (1998, p. 54) ressaltam que “o desejo fundamental buscado pela imaginação humana é reduzir essa angústia



existencial, através de seu princípio constitutivo que é o de representar, simbolizar as faces do Tempo e da Morte, a fim de controlá-las e às situações que elas representam”.

A literatura faz surgir o modelo de confiança, dá vida aos heróis, mas também traz a representação do mal, do vilão, do sinistro que vai povoar o imaginário de toda uma civilização. Na Idade Média, conforme aponta Parmegiani (2011, p. 1), o livro bíblico do Apocalipse foi introduzido no cotidiano da população, por imagens que representavam “[...] o Juízo Final, o inferno, imagens diabólicas, dragões no abismo, bestas com sete cabeças e dez chifres”. Imaginário que se formara, segundo Freire (2007, p. 81), em virtude do “[...] medo projetado a partir dos terrores morais pessoais, adquiridos nessa vida”. Em um estudo que destaca a presença do medo na civilização ocidental, e quanto a imagem do medo se tornara poder, Delumeau (2009) aponta como a promoção do medo foi capaz de instalar regimes ideológicos e totalitários.

Quando se trata do poder da imagem – e religião –, Delumeau (2003) reconstitui o medo como instrumento para conseguir obediência, sendo teatralmente encenado para impregnar no imaginário o que poderia acontecer ao infiel no pós-morte. O medo produzido e disseminado pelo imaginário permitiu que as monarquias, aliadas da religiosidade, não fossem, por um tempo, questionadas. O autor (2009) traz ainda que, entre 1300 e 1800, apesar das constantes navegações, que permitiram o mundo como é constituído hoje, o medo do mar, o então desconhecido da época, fez da civilização ocidental, em sua essência, um povo terrestre. Temer o mar, ou qualquer outra situação, é uma reação fisiológica que não impede a simbolização, pelo contrário, como afirmam Teixeira e Porto (1998, p. 54), ele está inscrito no corpo e, em virtude da impossibilidade de controlá-lo, distingui-lo e encará-lo “[...] o imaginário cria imagens nefastas da angústia, expressas nos símbolos teriomorfos (da animalidade agressiva), nictomorfos (das trevas terríficas) e catamorfos (da queda assustadora)”. Segundo as autoras (1998, p. 55), a presença do medo no imaginário faz com haja a necessidade de “[...] atribuir significados comuns a situações, objetos e pessoas que causam temor”. Assim, a medida que o medo é simbolizado e compreendido pela imagem que se faz dele, mais se compartilha, socializa e expande a presença dele. E, mais se deseja controlá-lo, conforme explicam as autoras (1998). O que torna o medo presente no imaginário uma imagem a ser apreendida – e/ou (re)criada.



Sendo o imaginário uma resposta à angústia existencial frente à passagem do tempo, a imaginação tem assinalada como sua função geral negar o negativo, ou seja, ela é a negação do nada, da morte e do tempo, pois tem sua função de eufemização. Durand (2012) postula que a estruturação simbólica se dá “na raiz de qualquer pensamento” (p. 31) para se estender ao âmbito cultural e social:

Afinal, o imaginário não é mais que esse trajeto [antropológico] no qual a representação do objeto se deixa assimilar e modelar pelos imperativospulsionais do sujeito, e no qual, reciprocamente, como provou magistralmente Piaget, as representações subjetivas se explicam ‘pelas acomodações anteriores do sujeito’ ao meio objetivo. (DURAND, 2012, p. 41).

Para Cassirer (1994), o simbólico está na ordem da constituição de todas as coisas e que se alastra por meio de todas as disciplinas para uma realidade em que o símbolo permeia o espírito humano, acompanhando o ser humano e se presentificando em todas as suas ações.

Em seus estudos, Cassirer (1994) analisa os escritos kantianos, principalmente a definição dada pelo filósofo para ‘entendimento intuitivo’ quando descreve os limites do intelecto humano, outro conceito ao qual designa de ‘entendimento discursivo’, que dependerá de dois elementos diferentes, a saber: as imagens, mecanismo do pensar e os conceitos, razão para o intuir. Tomando estas definições de Kant, Cassirer (1994) aprimora-as e faz a relação com o símbolo, afirmando que em vez de dizer que o intelecto precisa de imagens, deveríamos dizer que há necessidade de símbolos, pois para este teórico, o conhecimento humano é um conhecimento simbólico. Em suas palavras: “É inegável que o pensamento simbólico e o comportamento simbólico tenham traços mais característicos da vida humana e que todo processo da cultura humana está baseado nessas condições” (CASSIRER, 1994, p. 141).

Em relação à linguagem, Cassirer (1994) afirma que esta ocupa uma posição central no sistema das formas simbólicas, pois esta é o cerne da cultura humana e seu devir. Ou seja, é na forma simbólica em cujo espectro se constitui a estrutura do mundo. Segundo ele:

A humanidade não poderia começar com o pensamento abstrato ou com uma linguagem racional. Tinha de passar pela era da linguagem simbólica do mito e da poesia. As primeiras nações não pensavam por conceitos, mas por imagens poéticas; falavam por fábulas e escreviam em hieróglifos. (CASSIRER, 1994, p. 251).



Para Durand (1988) o símbolo bem como a alegoria é a recondução do sensível, do figurado, ao significado; mas, além disso, pela própria natureza do significado, é inacessível, é epifania, ou seja, aparição do indizível, pelo e no significante. Pensando a partir dessa definição, constatamos que *homo symbolicus* se expressa por imagens simbólicas que não se limitam a recursos emblemáticos:

Dado que a re (a) apresentação simbólica jamais pode ser confirmada pela apresentação pura e simples daquilo que ela significa, o símbolo, em última análise, tem valor apenas por si próprio. Não podemos figurar a infigurável transcendência, a imagem simbólica é transfiguração de uma representação concreta através de um sentido para sempre abstrato. O símbolo é, portanto, uma representação que faz aparecer um sentido secreto; ele é a epifania de um mistério. (DURAND, 1988, p. 15).

A linguagem é o lugar da simbolização. E nela e por ela que se expressam os símbolos que formam redes simbólicas. Ferreira - Santos e Almeida (2012, p. 30) comentam que a atividade simbólica é uma atividade do pensamento humano, expressão de uma cultura. “A linguagem, o mito, a religião, a ciência, e história expressam um universo simbólico, são formas simbólicas que se interpõem entre o homem e o mundo”. Ainda, os autores mencionados completam seu ponto vista, assim se manifestando:

O *homo symbolicus* é que articula a ação do *faber*, do *politicus*, do *socialis*, do *ludens*, do *sapiens*, superando as dualidades, pois o “dissonante está em harmonia consigo mesmo; os contrários não são mutuamente exclusivos, mas interdependentes’ que desautoriza a redução do homem à dimensão racional.

Por este viés, a partir do símbolo, o *homo symbolicus* expressa a mediação das formas simbólicas, atribuindo-lhes sentidos o que faz com que a realidade não faça oposição ao imaginário. A realidade não se apresenta de forma imediata, mas em fios que tecem um mundo simbólico em que o ser humano se insere e que o determina. Da mesma forma que o homem configura esse mundo entrelaçado pelos fios do simbólico, também é por essa teia de relações simbólicas configurado.

Se há sempre uma teia de relações e que se expressam por símbolos, então é possível pensar na existência de um imaginário que se configura pelo medo.



3. SOBRE A EXISTÊNCIA DE UM IMAGINÁRIO DO MEDO

O medo se faz presente no imaginário e, simbolicamente, o homem se relaciona com ele. Nas líquidas relações de Bauman (2008), o medo está na escuridão, na morte, na impotência, na exclusão, no mal, no terrorismo, no inadministrável, no incontrolável e em tudo mais que seja incerto. Dentre as incertezas, a presença do medo se faz mais forte no que é simbolizado como a morte, um finito que o animal, como lembra Delumeau (2009, p. 23), não tem ciência, mas “o homem, ao contrário, sabe – muito cedo – que morrerá”. O conhecimento da morte inevitável amedronta o homem, reforça Bauman (2008). Segundo o autor (2008, p. 32), o impacto mais assustador do medo é a impotência, sentimento que reside “[...] entre as ameaças de que emanam os medos e nossas reações”. No entendimento de Antunes Júnior (2016, p. 93), o comportamento humano – desde locais que se frequenta a construções arquitetônicas – é determinado pelas reações mediante tal impotência. Cademartori (2012) apresenta que as reações ao medo são, de certa forma, um negócio viável. De acordo com a autora (2012, p. 82), “grades, muros, cercas elétricas, câmeras de vigilância, carros blindados são ‘ferramentas’ que se tornaram corriqueiras no cotidiano”, e potencializam a existência de uma vida mais segura, longe da morte. Assim, aos moldes da caverna inicial, o ciclo se refaz, o simbólico se atualiza. Diante desta atualização, Bauman (2008, p. 31) conclui que “as oportunidades de ter medo estão entre as poucas coisas que não se encontram em falta nesta nossa época, altamente carente em matéria de certeza, segurança e proteção”.

A exemplo do que aponta Durand (2012, p. 74), “o inferno é sempre imaginado pela iconografia como um lugar caótico e agitado”, representação feita sobre algo que não se tem acesso, mas do qual se criou imagem. De maneira semelhante, poder-se-ia resgatar diversas imagens que compõem o imaginário do medo, dentre elas o bicho papão, o homem do saco, a Maria Sangrenta, o monstro do armário, a morte (entidade), o próprio inferno, entre outras que suscitam fobias. No entanto, este artigo não se propôs caracterizar a existência de cada um dos temores possíveis. E, por isso, para que não se confunda fobia com medo, vale o alerta de Bulhões (2010, p. 21): a fobia é a forma de manifestar o medo, patologicamente; e o medo é “[...] uma expressão visível da manifestação da angústia que, por sua vez, relaciona-se a uma vivência subjetiva, a um conflito psíquico”.



Conflito que está na essência do ser humano, um confronto entre finitude e tempo que escapa ao controle. Combate que, conforme apontam Ferreira-Santos e Almeida (2012, p. 64), é “[...] responsável pela produção de imagens e símbolos que se articulam numa narrativa mítica, como forma de produzir sentido ao acontecimento mortífero”, e pela eufemização do perecer. Ao se abordar a dimensão simbólica da existência humana, Pitta (2005) atenta para a ambiguidade significativa dos símbolos e que há a possibilidade de distinção dos aspectos angustiante destes. Dentre as constelações de imagens criadas, segundo a autora (2005, p. 23), “ligados por uma lógica própria, os símbolos expressam angústia e se dividem em três grandes temas”, são eles: teriomórficos, relativos à animalidade; nictomórficos, relativos à noite e catamórficos, relativos à queda.

Apresentando a estruturação criada por Durand (2012), Pitta (2005, p. 23-24) salienta que os símbolos teriomórficos estão relacionados à animalidade simbólica do fervilhamento (arquétipo do caos que expressa o incontrolável), à animação (força bruta mortal, ao tropel do animal que remete ao trovão) e à mordicância, que remete à boca cheia de dentes e ao “Kronos, o tempo, devorando seus próprios filhos”. Segundo a autora (2005), os símbolos nictomórficos remetem à escuridão, que tanto podem ser em situação de trevas quanto em tristeza presente em águas escuras que convidam ao suicídio. Os símbolos catamórficos, relativos à queda trazem imagens de dor, vertigem, abismo e castigo, ainda conforme a autora. Tais simbologias estruturantes podem ser observadas em todo o imaginário do medo, mas é possível recortar o arquétipo do caos, em fervilhamento na brutalidade da convivência contemporânea que marca as imagens que compõem tal arquivo vivo, marcas de violência. Não por menos, é ela (a violência) que irrompe a cidade e adentra, com frequência, no cotidiano individual. Em um estudo sobre o imaginário do medo na cidade do Rio de Janeiro, Amaral (2010) constata que confrontos armados aumentam a sensação de insegurança em ambos os espaços: favela e asfalto. “Entretanto, apesar de as taxas de homicídio terem diminuído nos últimos anos no Rio de Janeiro, a ‘sensação’ de que a cidade está mais violenta fortalece o sentimento de medo de ser vítima do crime” (AMARAL, 2010, p. 38). Atualizando a caverna, a sociedade é um labirinto imposto pelo medo, labirinto que isola territórios, medo que isola becos, ruas, bairros, cidades, estados e países. Sobre isso, Araújo (2013, p. 13), complementa:



“em meio ao cenário de uma guerra silenciosa que acontece a conta-gotas, compartilha-se um sentimento de medo de ser a próxima vítima”.

No desamparo causado pela sensação de ser o próximo a perecer, tem-se o medo virtualizado também em vários espaços. O medo está nos jornais, nas revistas, livros, filmes, quadrinhos, séries, ‘memes’ compartilhados em redes sociais, em vídeos postados nos canais não oficiais de comunicação, na transmissão ao vivo de atentados terroristas, nas conversas banais, triviais, formais, em suma no todo. O *homo sapiens* foi para a caverna, mas o *homo symbolicus* nasce inserido em um contexto violento que Melgaço (2010) aponta como “psicoesfera do medo”. O autor (2010, p. 25) destaca esta presença do medo na atualidade como “[...] uma globalização dos temores que resulta numa paranoia securitária global. Os exageros da segurança criam, nos diversos cantos do mundo, situações de segregação e de monitoramento que beiram à ficção”. A existência do medo no imaginário potencializa o repertório crescente de imagens que fomentam o imaginário do medo. Este, por sua vez, torna o medo mais latente no imaginário, catalisando mais imagens e atualizando a angústia primordial: o medo da morte. Melgaço (2010), ainda acrescenta a existência de uma “tecnoesfera da segurança”, espécie de atualização da caverna em uma privatização do espaço, com a criação de condomínios fechados e arquiteturas projetadas para espantar o perigo que amedronta. Perigo que, muitas vezes, é o outro, é o semelhante. O que reinicia, e atualiza, o ciclo. As batalhas entre heróis e vilões, mocinhos e bandidos se atualizam simbolicamente no polo sociocultural, mas mantém a invariância arquetípica.

4. Considerações Finais

A presença do medo no imaginário se imbrica, muitas vezes, com o próprio imaginário do medo. Por isso, este artigo adotara a distinção do medo que provém das imagens que são fornecidas diariamente pelas diversas tecnologias do imaginário do que está interiorizado na essência humana. Deveras, há um medo presente no imaginário desde quando a consciência passou a simbolizar a própria existência. Assim como há, também, imagens que povoam o imaginário e nele criam um reservatório específico do qual se pode denominar imaginário do medo. A complexidade da relação humana com o ambiente social que está inserido faz com que cada localidade possua um catálogo próprio



de medos. Mudanças presidenciais fomentam o medo de represálias sociais. Ditaduras perpetuam o medo da impotência política e social, o medo da tortura e do desaparecimento. Cidades violentas assimilam o medo proveniente de assaltos, homicídios, tráfico, sequestros e outras recorrências. Países que sofreram atentados terroristas se alimentam do imaginário do medo que estas ações criaram. Imagens vindas de países da África trazem ao Brasil um imaginário que suscita o medo de doenças como o ebola. Imagens saídas do Brasil levam ao mundo o medo de doenças como a zika, chicungunha e dengue. As diversas religiões são responsáveis por produzirem o seu próprio repertório de medos, à exemplo da ‘Geena’ muçulmana e do ‘Inferno’ cristão. Crises econômicas intensificam o medo do desemprego, da fome e da impotência econômica. Destaca-se que todas as simbolizações estão ligadas ao medo primordial da morte. E, este medo presente no imaginário se faz responsável por germinar todo o complexo imaginário do medo ao qual somos inseridos quando nascemos e no qual contribuímos enquanto vivemos e ao qual se processa o eterno retorno à dinâmica do imaginário. O universo simbólico em relação ao medo no imaginário gravita em torno de imagens arquetípicas e símbolos originais que passam por re-atualizações míticas conforme a bacia semântica em que estão imersos. A coletividade, ambiência da bacia semântica (com a simbologia do medo) é o que compõe o que chamamos de Imaginário do Medo.

Referências

AMARAL, Layne. O Imaginário do Medo: **violência urbana e segregação espacial na cidade do Rio de Janeiro, Contemporânea**. Rio de Janeiro, v. 8, n. 1, p.34-45, dez.

2010. Disponível em:

<<http://www.epublicacoes.uerj.br/index.php/contemporanea/article/view/694>>. Acesso em: 11 jan. 2017.

ANTUNES JUNIOR, Fernandes Simões. **A retórica do medo: uma análise neurolinguística da mídia**. 2016. 309 f. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-graduação em Comunicação Social, Faculdade dos Meios de Comunicação Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016. Disponível em:

<<http://repositorio.pucrs.br/dspace/handle/10923/9507>>. Acesso em: 9 jan. 2017.

ARAÚJO, Francisco Cruz de. **Imagens do medo na mídia: uma análise das representações da violência em Natal-RN**. 2013. 105 f. Dissertação (Mestrado) - Curso



em Desenvolvimento Regional; Cultura e Representações, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2013. Disponível em:
<<https://repositorio.ufrn.br/jspui/handle/123456789/13701>>. Acesso em: 12 dez. 2016.

ARAÚJO, Alberto Filipe; TEIXEIRA, Maria Cecília Sanchez. **Gilbert Durand e a pedagogia do imaginário**. Letras de Hoje, v. 44, n. 4, p. 07-13, out./dez. 2009.

BAUMAN, Zygmunt. **Medo líquido**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008. Tradução de Carlos Alberto Medeiros.

BOTELHO, Thatiany Lúcia Moura. **Visão sistêmica e perceptiva da pobreza no imaginário do medo pós-moderno: reflexos espaciais na cidade do Recife**, 2010. 171f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em Geografia, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2010. Disponível em: <<http://repositorio.ufpe.br:8080/xmlui/handle/123456789/6766>> Acesso em: 9 jan. 2017.

BULHÕES, Luciana Berto Daher. **Experiências maternas frente à continência dos medos infantis**, 2010. 157f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Psicologia, Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Assis, 2010. Disponível em: <<http://repositorio.unesp.br/handle/11449/97571>> Acesso em: 11 dez. 2016.

CADEMARTORI, Ana Carolina. **Notícias de violência e crime no Jornal Nacional: Do medo do crime ao controle da ordem**, 2012. 135f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em Psicologia, Centro de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2012. Disponível em: <<http://w3.ufsm.br/ppgp/images/dissertacoes/2011-2012/ana-carolina.pdf>> Acesso em: 11 dez. 2016.

CASSIRER, Ernst. **O mito do estado**. São Paulo: Códex, 2003. Tradução de Álvaro Cabral.

_____. **Ensaio Sobre o Homem: Introdução a uma filosofia da cultura humana**. Trad. Tomás Rosa Bueno. São Paulo: Martins Fontes, 1994

_____. **Linguagem e mito**. São Paulo: Perspectiva, 1985.

DELUMEAU, Jean. **A história do medo no ocidente, 1300-1800: Uma cidade sitiada**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. Tradução de Maria Lucia Machado.

_____. **O pecado e o medo: a culpabilização no ocidente / séculos 13-18**. Bauru: Edusc, 2003. 2 v. (Coleção Ciências Sociais). Tradução de Álvaro Lorencini.

DURAND, Gilbert. **As estruturas antropológicas do imaginário**. 4. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2012. Tradução de Hélder Godinho.

_____. **O imaginário: ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem**. 3. Ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2004. Tradução de Renée EveLevié. (Coleção Enfoques. Filosofia)



_____. **A imaginação simbólica.** Trad. Eliane Fittipaldi Pereira. São Paulo: Cultrix, 1988.

EKMAN, Paul. **A linguagem das emoções.** São Paulo: Lua de Papel, 2011. Tradução de Carlos Szlak.

FERREIRA-SANTOS, Marcos; ALMEIDA, Rogério de. **Aproximações ao imaginário: bússolas de investigação poética.** São Paulo: Képos, 2012.

FREIRE, Antônio Júlio Garcia. **O medo da morte e os temores infundados: uma investigação acerca da natureza da alma em Lucrecio.** 2007. 88 f. Dissertação (Mestrado) Pós-graduação em Metafísica - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2007. Disponível em: <<https://repositorio.ufrn.br/jspui/handle/123456789/16447>> Acesso em: 11 dez. 2016.

FREUD, Sigmund. **O mal-estar na cultura.** Porto Alegre, 2010. L&PM. Tradução de Renato Zwick.

JUNG, Carl Gustav. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo.** 2 ed. Petrópolis: Vozes, 2002. Tradução de Maria Luíza Appy e Dora Mariana R. Ferreira da Silva.

KOVÁCS, Maria Júlia. Medo da Morte. In: _____. (Org.). **Morte e desenvolvimento humano.** 5. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2010. p. 15-28.

MELGAÇO, Lucas. **Securização Urbana: da psicoesfera do medo à tecnoesfera da segurança.** 2010. 276 f. Tese (Doutorado) - Curso de Geografia Humana, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8136/tde-04022011-105832/pt-br.php>>. Acesso em: 18 dez. 2016.

MONTEIRO, Sueli Aparecida Itman. Cultura e educação: a poética do solo no imaginário da violência. In: TEIXEIRA, Maria Cecília Sanches; PORTO, Maria do Rosário Silveira (Org.). **Imaginário do medo e cultura da violência na escola.** Niterói: Intertexto, 2004. p. 87-96.

PARMEGIANI, Raquel de Fátima. O apocalipse e o imaginário do medo nas iluminuras medievais. **Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – Anpuh,** São Paulo, p.1-11, jul. 2011. Disponível em: <http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300875753_ARQUIVO_OAPOC_ALIPSEEOIMAGINARIODOMEDONAIADAMEDIA.pdf>. Acesso em: 2 fev. 2017.

PITTA, Danielle Perin Rocha. **Iniciação à teoria do imaginário de Gilbert Durand.** Rio de Janeiro: Atlântica Editora, 2005.

QUADROS, Imara Pizzato. Violência simbólica na escola: apenas um olhar. In: TEIXEIRA, Maria Cecília Sanches; PORTO, Maria do Rosário Silveira



(Org.). **Imaginário do medo e cultura da violência na escola**. Niterói: Intertexto, 2004. p. 19-23.

RIBEIRO, Elzimar Fernanda Nunes. **Dos que se movem nas trevas: imagens bestiais e repressão em Torquato Neto e Sophia Andresen**. **Scripta**, Belo Horizonte, v. 15, n. 29, p.99-114, jul. 2011. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/4272>>. Acesso em: 11 jan. 2017.

SILVA, Juremir Machado da. **As tecnologias do imaginário**. 3. ed. Porto Alegre: Sulina, 2012.

TEIXEIRA, Maria Cecília Sanches; PORTO, Maria do Rosário Silveira. Violência, insegurança e imaginário do medo. **Caderno Cedes - Centro de Estudos Educação e Sociedade**, Campinas, v. 9, n. 47, p.51-66, dez. 1998. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/%0D/ccedes/v19n47/v1947a05.pdf>>. Acesso em: 2 mar. 2016.

VISCOTT, DAVID. **A linguagem dos sentimentos**. 10 ed. São Paulo: Summus, 1982. Tradução de Luiz Roberto S. S. Malta.

WUNENBURGER, Jean-Jacques. **O imaginário**. São Paulo: Loyola, 2007. Tradução de Maria Stela Gonçalves.

Submetido em: 09/06/2017. Aprovado em: 07/07/2017.

